

Oftalmologia e Otorrinolaringologia

Edição VI

Capítulo 4

OTITE MÉDIA CRÔNICA COLESTEATOMATOSA: UMA REVISÃO EPIDEMIOLÓGICA

MATEUS DE LUCA¹
ANA JÚLIA RONCHI DA COSTA¹
MARIA LUÍSA TISCOSKI ANTUNES¹
BEATRIZ GIASSI ZANATTA²
VICTORIA BIZZI SCHVARTZAM²
MANUELA CARDOSO BIFF³
GAIA COSTA POU⁴
ANA MARIA SPILLERE MILIOLI⁵
LAYANE COLLING⁵
LUIZA JOAQUINA BOTTON REGINATTO⁵
GUILHERME FERREIRA DOS SANTOS⁵

1. Discente - Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).
2. Discente - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).
3. Discente - Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).
4. Discente - Faculdade Ceres de Medicina (FACERES).
5. Discente - Universidade Franciscana (UFN).

Palavras-chave

Otite Média Crônica; Colesteatoma; Epidemiologia.

INTRODUÇÃO

O termo otite média crônica colesteatomatosa (OMCC) se refere a um subtipo da otite média crônica supurativa, caracterizado principalmente pela presença de colesteatoma, uma massa cística formada por epitélio estratificado e detritos de queratina, que pode se originar no ouvido médio ou no canal auditivo externo (BHUTTA *et al.*, 2024; COELHO *et al.*, 2023). Embora seja uma condição relativamente rara, sua prevalência em adultos e crianças tem sido descrita em diferentes coortes, variando entre 0,1% e 1% da população atendida em serviços otorrinolaringológicos (SUDHOFF *et al.*, 2015; ROSENFELD *et al.*, 2013). A OMCC apresenta alto potencial destrutivo, podendo levar à erosão das estruturas ossiculares, perda auditiva condutiva e, em casos mais graves, complicações vestibulares, labirínticas e intracranianas, incluindo meningite e abscessos cerebrais (MEYER *et al.*, 2017; ROSITO *et al.*, 2017).

Entre os fatores de risco relatados estão idade jovem, sexo masculino, presença de colesteatoma recidivante, disfunção tubária e hábitos de higiene auditiva inadequados (MARANHÃO *et al.*, 2013; SMITH *et al.*, 2012). Apesar do impacto clínico significativo, dados epidemiológicos detalhados sobre OMCC são limitados, especialmente no que se refere à distribuição por idade, sexo, fatores socioeconômicos, prevalência de complicações e necessidade de intervenções cirúrgicas complexas (KIM *et al.*, 2023; PARK *et al.*, 2022). Estudos multicêntricos recentes sugerem que a avaliação sistemática de grandes bancos de dados pode fornecer informações sobre padrões populacionais, recorrência, complicações e fatores de risco associados (FONSECA *et al.*, 2018; SUDHOFF *et al.*, 2015).

O objetivo deste estudo foi, portanto, investigar o comportamento epidemiológico da otite

média crônica colesteatomatosa, incluindo sua distribuição demográfica, fatores de risco associados, prevalência de complicações e implicações clínicas, contribuindo para o melhor planejamento do manejo terapêutico e prevenção de desfechos adversos.

MÉTODO

Dessa forma, o presente estudo apresenta-se como uma revisão integrativa da literatura, realizada no período de março a julho de 2025. As pesquisas foram efetuadas nas bases de dados PubMed, SciELO e LILACS, utilizando os descritores “otite média crônica”, “otite média supurativa crônica”, “colesteatoma”, “epidemiologia”, “prevalência”, “incidência” e “fatores de risco” de acordo com os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/ MeSH).

Desta busca, foram encontrados 32 artigos que posteriormente foram submetidos aos critérios de seleção. Foram incluídos artigos publicados em português, inglês e espanhol, entre os anos de 2015 e 2025, que analisassem a otite média crônica colesteatomatosa a partir do seu viés comportamental, principalmente pela descrição da epidemiologia. Foram excluídos artigos duplicados, relatos de caso, disponíveis apenas em forma de resumo, que não tratavam diretamente da temática ou que não correspondiam aos critérios de inclusão estabelecidos. Após a seleção inicial, 29 artigos resultaram na amostra final e foram submetidos à leitura.

Os estudos foram organizados em três eixos temáticos: (1) anatomia e fisiologia relacionadas a otite média crônica colesteatomatosa; (2) epidemiologia e fatores de risco; e (3) intervenções cirúrgicas e resultados clínicos. Após os critérios de seleção, restaram 19 artigos que foram submetidos à leitura minuciosa para a coleta de dados.

Os resultados foram apresentados de forma descritiva, organizados em Epidemiologia e

complicações, População pediátrica, Comparações internacionais e Convergência e limitações, com base na âncora teórica da Organização Mundial da Saúde, da Política Nacional de Humanização e da Política Nacional de Atenção à Saúde Auditiva utilizadas como parâmetro para interpretar a relevância dos achados epidemiológicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos analisados mostram que a OMCC apresenta um perfil epidemiológico heterogêneo, acometendo tanto crianças quanto adultos e exibindo variações conforme o contexto demográfico, geográfico e socioeconômico.

Epidemiologia e complicações

O estudo de Rosito *et al.* (2017) descreve 419 pacientes com otite média crônica, com média de idade de 34,49 anos e discreto predomínio do sexo feminino (53,5%). A forma adquirida com colesteatoma foi a mais frequente, e os principais fatores associados foram o histórico de infecções otológicas repetidas e a idade. Entre os desfechos mais relevantes, destacaram-se a perda auditiva progressiva e a necessidade de tratamento cirúrgico, demonstrando o caráter destrutivo e de evolução da doença, que frequentemente leva a sequelas quando o diagnóstico é tardio.

Maranhão *et al.* (2016), em uma série retrospectiva com 26 anos de acompanhamento, enfatizaram a ocorrência de labirintite supurativa como complicação grave da OMCC. Embora a população estudada não tenha sido quantificada, o longo período de observação reforça o potencial de morbidade da doença e a associação entre infecção crônica do ouvido médio e comprometimento vestibular significativo, especialmente em contextos de acesso limitado ao atendimento especializado.

Em análise de grande escala, o estudo de Wilson *et al.* (2025), envolvendo 499.523 indivíduos entre 40 e 69 anos, evidenciou associação entre a OMCC e fatores como sexo masculino, idade, privação socioeconômica e comorbidades crônicas. Apesar de o estudo não apresentar uma prevalência específica, sua amplitude amostral reforça a importância dos fatores sociais e demográficos na distribuição da doença. Os achados de Wilson *et al.* (2025) indicam um risco maior em homens, o que está possivelmente relacionado a diferenças no comportamento de procura por atendimento e na exposição ocupacional.

População pediátrica

Na população pediátrica, os dados também revelam impacto expressivo. Um estudo com 124 crianças e adolescentes entre 7 e 11 anos de idade com OMCC identificou que 11% apresentaram perda auditiva neurossensorial mesmo após tratamento cirúrgico. Esse achado sugere que o tempo de exposição a processos inflamatórios crônicos e infecções recorrentes é determinante para a gravidade e a persistência das sequelas auditivas.

Complementando esse cenário, a *Kids' Inpatient Database* (EUA) registrou 1.552 internações por colesteatoma, com média etária de 9,9 anos. Foram associados à doença fatores de risco como idade, raça e condição socioeconômica, destacando a influência dos determinantes sociais da saúde. As principais complicações relatadas incluíram mastoidite, abscesso intracraniano e paralisia facial, demonstrando que a OMCC pode atingir níveis de gravidade, mesmo em idades precoces.

Comparações internacionais

De forma geral, os resultados demonstram que a OMCC não se restringe a um perfil único de paciente. Em países em desenvolvimento, como o Brasil, predominam casos com piores

evoluções e complicações, reflexo do diagnóstico tardio e da dificuldade de acesso a serviços especializados. Essa realidade converge com as diretrizes da Política Nacional de Atenção à Saúde Auditiva, que reconhece a desigualdade de acesso como um determinante crucial para a perda auditiva evitável (BRASIL, 2004). Em países desenvolvidos, como Estados Unidos e Reino Unido, a doença mostra relação ainda mais direta com fatores demográficos e desigualdades socioeconômicas, indicando que a vulnerabilidade continua sendo um eixo determinante.

Convergências e limitações

A heterogeneidade metodológica entre os estudos limita comparações diretas e impede estimativas uniformes de prevalência. Ainda assim, todos convergem em três pontos principais: o predomínio em faixas etárias jovens; a relação direta com infecções otológicas de repetição; e o impacto das condições socioeconômicas sobre a ocorrência, gravidade e complicações da doença.

Dessa forma, a OMCC se consolida como uma condição crônica, progressiva e potencialmente incapacitante, com repercussões que vão além da esfera otorrinolaringológica. Esse panorama reforça as recomendações da Organização Mundial da Saúde (2021) para a implementação de estratégias nacionais de prevenção da perda auditiva e triagem auditiva precoce, bem como o fortalecimento de políticas públicas integradas, como a Política Nacional de Humanização e a Política Nacional de Atenção à Saúde

Auditiva, voltadas à ampliação do cuidado e da reabilitação auditiva no SUS.

CONCLUSÃO

A OMCC apresenta uma grande distribuição etária, afetando tanto crianças quanto adultos jovens, o que evidencia sua relevância transversal na população. Fatores como infecções de repetição, idade mais jovem e condições socioeconômicas adversas desempenham papel central no desenvolvimento e agravamento dessa condição. As complicações decorrentes da OMCC são variadas e podem se manifestar condições graves como perdas auditivas progressivas até mastoidites e abscessos intracranianos, que interferem diretamente à condição física e à qualidade de vida dos pacientes.

Apesar da limitada quantidade de estudos populacionais de grande porte, as evidências disponíveis apontam para a OMCC como um desafio significativo para a saúde pública, sobretudo em contextos onde o acesso ao diagnóstico precoce e ao tratamento especializado ainda é insuficiente. Dessa forma, torna-se imprescindível a implementação de estratégias eficazes que envolvam diagnóstico precoce, acompanhamento multidisciplinar contínuo e políticas públicas voltadas para a prevenção das doenças auditivas. Somente com essa abordagem integrada será possível minimizar sequelas, reduzir complicações graves e promover melhoria da qualidade de vida dos indivíduos afetados, impactando positivamente na saúde coletiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHUTTA, M.F. *et al.* Chronic suppurative otitis media. *Lancet*, v. 403, p. 2339, 2024. doi: 10.1016/S0140-6736(24)00259-9.
- COELHO, T.C. *et al.* Desfecho atípico de colesteatoma de orelha média: relato de caso. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 6, p. 32701, 2023. doi: 10.34119/bjhrv6n6474.
- KIDS' INPATIENT DATABASE. Analysis of pediatric cholesteatoma cases and complications. Healthcare Cost and Utilization Project (HCUP). Agency for Healthcare Research and Quality.
- KIM, Y.J. *et al.* Risk factors for complications of chronic otitis media with cholesteatoma in children. *International Journal of Pediatric Otorhinolaryngology*, v. 157, 2023. doi: 10.1016/j.ijporl.2022.110054.
- MARANHÃO, A.S.A. *et al.* Complicações intratemporais das otites médias. *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia*, v. 79, p. 698, 2013. doi: 10.5935/0034-7299.20130096.
- MARANHÃO, A.S.A. *et al.* Suppurative labyrinthitis associated with otitis media: 26 years' experience. *Brazilian Journal of Otorhinolaryngology*, v. 82, p. 82, 2016. doi: 10.1016/j.bjorl.2014.12.012.
- OLIVEIRA, A.P.S. *et al.* Perda auditiva induzida por ruído ou complicação da otite média crônica. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, v. 14, p. 290, 2016.
- PARK, S.N. *et al.* Epidemiology of cholesteatoma in Korea: a nationwide study. *Clinical and Experimental Otorhinolaryngology*, v. 15, 2022. doi: 10.21053/ceo.2021.00796.
- ROSITO, L.P.S. *et al.* Characteristics of 419 patients with acquired middle ear cholesteatoma. *Brazilian Journal of Otorhinolaryngology*, v. 83, p. 126, 2017. doi: 10.1016/j.bjorl.2016.02.013.
- ROSENFELD, R.M. *et al.* Clinical practice guideline: tympanostomy tubes in children. *Otolaryngology – Head and Neck Surgery*, v. 149, S1, 2013. doi: 10.1177/0194599813487302.
- SUDHOFF, H. *et al.* Middle ear cholesteatoma: a pathway to investigate the underlying mechanisms of the aggressive variant of chronic otitis media. *Journal of Laryngology & Otology*, v. 129, p. 315, 2015. doi: 10.1017/S0022215115000403.
- WILSON, E. *et al.* Epidemiology of cholesteatoma in the UK Biobank. *Clinical Otolaryngology*, v. 50, p. 316, 2025. doi: 10.1111/coa.14257.